



EXPERIÊNCIA E PROGNÓSTICOS DE UM BRASIL: UM ENSAIO SOBRE MANOEL BOMFIM

Daniel da Silva Becker¹

RESUMO

Entre o final do século XIX e início do século XX, muitos intelectuais brasileiros não deixaram de esboçar os seus próprios diagnósticos e prognósticos a respeito da história de sua jovem nação. Com isso, traçavam-se linhas interpretativas, teorias e perspectivas de interpretação e construção do Brasil. Analiso como Manoel Bomfim articulou, em sua obra “América Latina: males de origem”, publicada em 1905, as noções de passado, presente e futuro, concentrando-me especialmente na forma como essas três categorias temporais foram utilizadas pelo autor para expressar sua própria experiência na história e suas expectativas em relação ao futuro do Brasil. É escrevendo uma história do parasitismo ibérico que o médico e professor Manoel Bomfim ambicionou chegar a um diagnóstico dos problemas que afligiam o Brasil dos primeiros anos do século XX e, a partir daí, direcionar o seu olhar para o futuro.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. Temporalidade. Brasil República. História.

ABSTRACT

During the 19th and 20th centuries, several generations of Brazilian intellectuals had tried to sketch their own accounts about the history of their young nation. They drew up theories and perspectives of construction and interpretation of Brazil. In this article I analyze how Manoel Bomfim articulated in his book “América Latina: males de origem”, published in 1905, the notions of past, present and future, focusing particularly on how these three time categories were used by the author to express his own experience in history and his expectations for the future of Brazil. It is writing a history of the so-called Iberian parasitism that Manoel Bomfim aspired to reach a diagnosis of the problems afflicting Brazil in the early years of the twentieth century and, from there, directing his gaze toward the future.

Keywords: Manoel Bomfim. Temporality. Brazilian Republic. History.

¹ Bolsista de Mestrado em História do CNPq no PPGH da PUCRS. Integrante do Grupo de Pesquisa em Teoria e História da Historiografia da PUCRS e membro da International Network for Theory of History (INTH). *E-mail:* dsilvabecker@yahoo.com.br.



1 INTRODUÇÃO

Nas linhas a seguir, exploro como Manoel Bomfim articulou, em sua obra “América Latina: males de origem”, publicada em 1905, as noções de passado, presente e futuro, concentrando-me especialmente na forma como essas três categorias temporais foram utilizadas pelo autor para expressar sua própria experiência na história e suas expectativas em relação ao futuro do Brasil. Como demonstrou Koselleck (2004), nossa compreensão da história está indissociável das categorias linguísticas que utilizamos para dar sentido ao passado. Essa perspectiva abre a possibilidade de se pensar então na escrita da história como um dos fatores decisivos na conformação da experiência temporal de uma época. Ou seja, escrever sobre o passado e sua articulação entre o presente e o futuro passa a ser um espaço de cruzamento e/ou sobreposição de várias temporalidades. No dizer de Koselleck (2004, p. 223), os conceitos da história reúnem experiências e encadeiam expectativas que possibilitam um “acesso às esperanças e aos desejos, aos temores e sofrimentos dos contemporâneos de outra época”.

De algum modo, todos os projetos de construção da nação ou da identidade nacional envolveram uma releitura/utilização/instrumentalização do passado, uma interpretação do presente e inúmeras expectativas e prognósticos lançados em direção ao futuro. Nesse sentido, o processo de construção ou mesmo de reelaboração de uma identidade nacional pode significar também, ainda que nem sempre de uma forma consciente e estruturada, um complexo processo de estabelecimento de novos significados e categorias temporais.

A emergência de uma nova concepção de tempo, a partir do final do século XVIII, marcada pela historicidade e pela noção de um tempo irreversível e em constante mudança, possibilitou uma nova relação do homem com os elementos de seu passado. Ao mesmo tempo, o passado passou a estar associado ao futuro. E, o tempo adquire movimento e recebe um sentido, permitindo prognósticos que, do presente, se direcionam ao futuro, sempre amparados pelos diagnósticos lançados em direção ao passado. Nesse sentido, seguindo a reflexão de Koselleck (2004, p. 19), o prognóstico torna-se um fator consciente de ação política.

Se de um lado, elementos como a cultura e a raça tornaram-se importantes chaves de análise da realidade brasileira no início do século XX, de outro, uma espécie de mal-estar sempre permanecia entre os próprios intérpretes, como se suas categorias encontrassem alguma dificuldade para se materializarem num projeto capaz de inserir o país na órbita das modernas potências europeias. Interpretar o passado, portanto, era uma atividade complexa e penosa. A maioria das análises sobre o passado histórico nacional acabou inevitavelmente examinando-o em termos de permanências, apesar do interesse presente por mudanças, fazendo com que o passado pairasse sobre o presente como um fardo. Daí um Silvio Romero ou um Euclides da Cunha, por exemplo, mesmo reconhecendo as possibilidades oferecidas pela mestiçagem como uma peculiaridade para o Brasil, manifestarem em suas análises sempre um significativo tom de insatisfação diante de sua realidade.



Por outro lado, essa dimensão de insatisfação em relação ao presente constituiu, ao menos desde o século XVIII, uma das bases sobre as quais o próprio pensamento histórico moderno se edificou. Conforme Rüsen destacou: “esta transformação de uma experiência emocional destrutiva da história numa interpretação cognitiva construtiva parece ser típica nas origens do pensamento histórico moderno no início da filosofia da história” (RÜSEN, 2008, p. 42). E, os sentimentos atuam aqui transformando os acontecimentos do passado numa história significativa para o presente e suas expectativas futuras. Autores como Leopold von Ranke e Jacob Burckhardt viram seu próprio mundo presente como algo penoso e gerador de sofrimento, direcionando, desse modo, o seu olhar para o próprio passado. Como escreveu Burckhardt em suas reflexões sobre a história, “somente o movimento, por doloroso que seja, é uma garantia de vida” (BURCKHARDT, 1999, p. 272).

É interessante observar que, no início do século XX, a história do Brasil ainda estava praticamente por ser escrita. E, nesse contexto, escrever história e atuar politicamente no presente estão intimamente relacionados. Como observou Luiz Costa Lima (1981), nossos intelectuais nessa época estavam presos ao jornal e à tribuna, compondo um estilo “fácil e ligeiro, ainda quando grandiloquente e oratório” (p. 193).

A partir da emancipação política de Portugal, em 1822, escrever essa história, torná-la real, sempre foi uma das tarefas deixadas pelas gerações passadas aos seus conterrâneos do futuro. Tal tarefa, no entanto, não deixou de ser pensada no presente, neste espaço temporal incerto entre o passado e o futuro. Diversas gerações de intelectuais brasileiros, na esperança de verem suas próprias esperanças concretizadas no futuro, não deixaram de esboçar seus próprios relatos sobre a história de sua jovem nação. Com isso, traçavam-se linhas interpretativas, teorias e perspectivas de interpretação e construção do Brasil. Mas, certamente, as obras desses intelectuais ambicionavam muito mais do que uma interpretação. É interessante ressaltar esse fato, uma vez que a definição como nação e a criação de projetos para o Brasil estiveram diretamente relacionadas à escrita de sua história. Escrever a história parecia a única alternativa para acomodar os fantasmas do passado ainda muito vivos no presente e, a partir de então, olhar para o que o país poderia se tornar no futuro. É escrevendo uma história do parasitismo ibérico que o médico e professor Manoel Bomfim ambicionou chegar a um diagnóstico dos problemas que afligiam o Brasil dos primeiros anos do século XX e, a partir daí, direcionar o seu olhar para o futuro.

2 O HORIZONTE DAS EXPERIÊNCIAS

Quando, em 1905, foi publicada a primeira edição de “América Latina: males de origem”, de Manoel Bomfim, pela tradicional livraria Garnier, ponto de encontro de importantes intelectuais cariocas, como o próprio Machado de Assis, o Rio de Janeiro vivia seu momento de regeneração (NEEDELL, 1993). A inauguração da Avenida Central no final do ano de 1904 foi um símbolo desse esforço modernizador presente nos primeiros anos da República no Brasil. Inserir a capital do país dentro da órbita das



modernas cidades europeias, tendo Paris como seu principal modelo, era visto como uma ação decisiva na inserção do próprio Brasil na órbita da civilização.

Neste sentido, como reconhece Nicolau Sevcenko (1998, p. 27), o tempo republicano era marcado pelo sentido da aceleração,

[...] impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos, em que a exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização 'a qualquer custo.

Vivia-se, nesse sentido, um período de grandes ambições, marcado pela “sensação de expansão ilimitada dos desejos”² em praticamente todos os campos da atividade humana, ou seja, a conhecida *Belle-Époque*. Além disso, havia uma expansão das ideias, caracterizadas por Silvio Romero como um “bando de ideias novas”, ligadas ao naturalismo e ao cientificismo, desempenhando, no Brasil desse período, um “papel semelhante à Ilustração na Europa no século XVIII, ao trazer um *saber secular e temporal*, afastado das concepções religiosas” (VENTURA, 1991, p. 12).

Contudo, o objetivo nutrido durante os primeiros anos da República, o de incluir o Brasil na órbita dos países civilizados, dentro dos moldes da cultura europeia, provou-se, desde o início, uma fonte de grandes apreensões e angústias. Foi nesse contexto que Manoel Bomfim terminou de escrever o seu livro sobre os males de origem que condenam a América Latina e, especialmente o Brasil, a uma posição marginal no concerto das grandes potências e impérios do início do século XX. É interessante lembrar que o próprio autor escreveu o prefácio de sua obra justamente em Paris, em março de 1903. Entre 1902 e 1903, Bomfim estudou psicologia na Sorbonne, entrando em contato com importantes pesquisadores da área.

Observando a realidade dos países latino-americanos, Bomfim questionava-se justamente sobre como uma das partes mais ricas do planeta, em termos de recursos naturais e ambientais, poderia ser, ao mesmo tempo, uma das mais atrasadas e suscetível a instabilidades. Nas palavras do autor, apesar de serem nações novas, estabelecidas em um grande território reconhecido pelas nações desenvolvidas como rico e propício, continuavam a ser símbolos do atraso. Nesse sentido, se o meio era propício ao desenvolvimento, como o autor mesmo reconhecia, por que a existência de um tamanho descompasso entre a América Latina e o restante das nações desenvolvidas?

Encontrar uma resposta para essa questão tratava-se, para Bomfim, antes de tudo, de uma questão de felicidade para os povos americanos. Ao mesmo tempo, representando o Brasil e a América como alvos dos interesses e das ganâncias das potências europeias e dos Estados Unidos, o autor caracterizava o seu presente como sendo uma “hora de universal egoísmo” (BOMFIM, 1905, p. 15). Nesse sentido, o próprio tempo passa a ser qualificado a partir de uma característica moral.

² A expressão é de Edgar de Decca (2003, p. 176).



E o dilema emerge justamente dessa posição peculiar das repúblicas latino-americanas dentro da “civilização ocidental”, para usar uma expressão próxima a de Bomfim:

Mas, em o nosso caso, participando directamente da civilização ocidental, pertencendo a ella, relacionados directamente, intimamente a todos os outros povos cultos, e sendo ao mesmo tempo dos mais atrasados, e por conseguinte dos mais fracos, somos forçosamente infelizes. Soffremos todos os males, desvantagens e onus, fataes ás sociedades cultas, sem fruirmos quase nenhum dos beneficios com que *o progresso tem suavizado* a vida humana. (BOMFIM, 1905, p. 18) [grifos dos autores].

Note-se que o progresso não foi criticado por Bomfim, sendo visto como um elemento capaz de suavizar a vida dos seres humanos no planeta. Nesse sentido, o autor partilhou do mesmo otimismo de seus contemporâneos do início do século XX em relação ao progresso e às ciências, questionando apenas a posição ocupada pelos países latino-americanos nesse contexto. Além disso, deve-se observar como outros elementos do discurso político e intelectual do período acabaram aderindo ao próprio discurso do autor.

Nessa citação, podemos perceber que Bomfim concebeu um ente chamado “civilização ocidental”, que congregaria todos os povos cultos. É interessante observarmos que se tratou de um período fortemente influenciado pela doutrina Monroe, que visava a integrar os países americanos sob um mesmo discurso, baseado na tutela dos Estados Unidos. E, apesar de o autor se posicionar contrário a essa política, não conseguiu escapar de outros elementos justificadores dessa mesma doutrina. Como sugere a historiadora Lynn Hunt (2008), o próprio conceito de “civilização ocidental” era estranho à maioria dos europeus do século XIX. Ele surgiu principalmente nos Estados Unidos do início do século XX, como uma tentativa de estabelecer uma ligação histórica entre a herança europeia e o seu pretense representante nas Américas. É esse conceito, justamente, uma das bases que irá sustentar a propaganda americana de participação na I Guerra Mundial, alegando um substrato comum de história, todos participantes da dita “civilização ocidental”.

Mas, neste ponto, deve-se observar outra sutileza da argumentação de Manoel Bomfim. O autor reconheceu que existia uma ligação e, mais do que isso, uma participação dos países da América Latina dentro da “civilização ocidental”. Contudo, nas páginas que se seguiriam a essa afirmação, o autor começou a traçar uma história dos povos ibéricos, Espanha e Portugal, a fim de identificar a herança prejudicial para os povos americanos colonizados. Trata-se do conceito de parasitismo ibérico. E, aqui, emerge um elemento de tensão em sua análise: se o parasitismo ibérico foi a chave explicativa para o atraso das repúblicas latino-americanas, de outro lado, foi através da colonização por Portugal e Espanha que se pôde reivindicar alguma espécie de vínculo, a dita “civilização ocidental”.

A resposta para essa tensão, no entanto, encontra-se no modo como Bomfim analisou o desenvolvimento da história moderna e a periodizou. Para ele, a história do Iluminismo e dos progressos científicos e tecnológicos observados a partir do século XVIII na Europa se constituiu num processo



alheio ao da história da península ibérica. Portugal e Espanha encontravam-se fora da Modernidade para Manoel Bomfim:

No correr do século XVII e do XVIII, a Iberia, que havia dado ao mundo Cervantes, Camões, Murillo, Lope de Veja, Ribera... desaparece, involue, degenera; *não se vê um só nome hespanhol ou portuguez entre os homens que fundam a cultura moderna e dominam a natureza*, ou naquelles que refazem a *philosophia racionalista, que illuminará as gentes na conquista da justiça e da liberdade*. [...] a Hespanha desaparece desse *concurso do progresso* (BOMFIM, 1905, p. 26).

Assim, para Bomfim, Espanha e Portugal, em seu processo de degeneração, acabaram por não ser participantes do que chamou de “cultura moderna”, que, para ele, era caracterizada pelo domínio da natureza e pela filosofia racionalista. Estando, pois, essa mesma cultura associada, para o autor, a uma fonte da justiça e das liberdades, seu projeto de regeneração para a América Latina, mas especialmente para o Brasil, se localizará num âmbito educacional e pedagógico, já que “a evolução humana é o progresso do espírito, é a cultura da intelligencia para conhecer, a cultura do sentimento para amar” (BOMFIM, 1905, p. 402).

Para Manoel Bomfim, as nacionalidades são produtos de uma evolução. Calcando a sua análise a partir de conceitos derivados da biologia, o autor reiterou alguns dos princípios do naturalismo e do positivismo, tomando a sociedade como um “verdadeiro organismo”, sujeito a “leis categóricas”. E, dentro dessas características, retomou também a noção de “transmissão dos caracteres adquiridos”, de Lamarck. Já no prefácio, o autor citou Walter Bagehot e sua obra “Physics and Politic”, de 1872, que possui como subtítulo algo muito próximo da abordagem de Bomfim em “América Latina”: “pensamento sobre a aplicação dos princípios da seleção natural e ‘hereditariedade’ à sociedade política”.

Neste livro, Bagehot desenvolve o conceito de “*cake of custom*”, caracterizado pelo conjunto de costumes em que uma sociedade está enraizada. Mas, para esse autor, trata-se justamente de se quebrar com esses costumes cimentados nas relações sociais, no sentido de promover uma evolução para algo melhor. E, nesse sentido, Bagehot afirma que a grande dificuldade que a história registra não é a do primeiro passado em direção à mudança, mas, sim, o do segundo, da permanência no caminho da mudança e da evolução. Certamente essa análise influenciou profundamente Bomfim, que via na história de Portugal e Espanha justamente o afastamento do progresso, a estagnação no primeiro passado, sem chegar ao desenvolvimento da cultura moderna.

Desse modo, procedendo como um médico que busca localizar nos antecedentes de seu paciente as causas para os seus males do presente, Bomfim iniciou a sua análise das causas do parasitismo ibérico na América. Dentro desse esquema explicativo, o passado emerge, primeiramente, como um peso. Ele representa a origem de um mal, uma ferida ainda aberta, que levou ao estado de convalescência do paciente no presente:

A cura depende, em grande parte, da importancia desse “historico” [do paciente], principalmente quando as condições presentes são relativamente favoraveis, e são taes que a ellas o individuo se



poderia adaptar facilmente, si não tivesse contra si uma herança funesta. Então, num tal caso, o empenho do clinico é dirigido todo, não contra o meio actual, pois este é propicio – mas *contra o passado, para vencel-o e eliminal-o* (BOMFIM, 1905, p. 22) [grifos dos autores].

O médico então não adquire apenas um papel de terapeuta, ele é também uma espécie de juiz que deverá julgar “o histórico” de seu paciente. E, ao proceder dessa forma, seu objetivo final será o da superação do próprio passado.

3 PROGNÓSTICOS E PROJETOS DE UM BRASIL

Superar esse passado, para Manoel Bomfim, estava diretamente ligado à promoção da educação e do ensino. Somente a instrução, segundo Bomfim, seria capaz de construir um povo livre e democrático. Como escreveu o autor na sua conclusão, o próprio povo ainda estava por ser construído nas repúblicas americanas: “povo, consciente de sua existência, tal como o exige uma democracia, não existe aqui; é preciso fazel-o” (BOMFIM, 1905, p. 420). Para o autor, o conhecimento racional, obtido através da ciência, capaz de estimular o progresso, dota os homens de domínio sobre a natureza e permite a eles a “previsão dos fenômenos”.

Nesse sentido, a cura para a degeneração imposta pelo parasitismo ibérico, que implicava não apenas consequências políticas e sociais, mas também morais, como o embrutecimento, a apatia, a superstição, o conservadorismo e o tradicionalismo, estaria na entrada dos países latino-americanos dentro da órbita da cultura europeia moderna, que, para Bomfim, estava caracterizada pela racionalidade e pelo progresso:

Foi esse estudo e essa nova compreensão da vida que faltaram aos povos ibericos, nas epocas em que viviamos á sombra deles; e assim nos retardamos de seculos. E, hoje, o indispensável e urgente é aplicar ao nosso meio e ás nossas necessidades, a sciencia que já está feita, difundir as verdades adquiridas e os bons methodos de estudo; ao mesmo tempo, nos é preciso observar, estudar e interpretar aquillo que, sendo peculiar ao nosso meio, ainda não é do dominio corrente da sciencia (BOMFIM, 1905, p. 406-407).

Nesse sentido, a metáfora do parasitismo elaborada por Manoel Bomfim foi muito além da afirmação dos efeitos nocivos da cultura e da ação de Portugal e da Espanha na América. Ao discuti-la, Bomfim articulou categorias temporais e propôs uma periodização da própria história. Para o autor, Espanha e Portugal, bem como suas antigas colônias americanas ainda não haviam entrado na história moderna. E, a chave dessa interpretação está principalmente dada a partir de sua leitura do significado do Iluminismo europeu para o desenvolvimento do pensamento moderno.

Nesse sentido, seguindo a metáfora do parasitismo, o autor afirma que os países latino-americanos estão imobilizados, degenerando junto com seu parasita original. Tratando-se, portanto, de um estado



de quase morte, isso porque, para Bomfim (1905), “viver é progredir, declinar já é morrer; a moral, o aperfeiçoamento, é a vida que se desenvolve” (p. 426).

E, estando a vida aliada ao progresso, só pode haver um único caminho possível para as nações latino-americanas trilharem:

[...] A America Latina está ameaçada; *a civilização transborda* sobre ella, e esse transbordamento será uma ameaça e um perigo, si ella, por um esforço consciente e methodico, não buscar a única salvação possível: avançar para o progresso, *entrar no movimento, apresentar-se ao mundo, vigorosa, moderna*, senhora de si mesma, como quem está resolvida a viver, livre entre os livres (BOMFIM, 1905, p. 387) [grifos dos autores].

Dessa forma, a educação, a instrução, adquire uma importância central no diagnóstico de Bomfim e também na sua previsão de um futuro para esses países. “[...] Porque a sociedade que pretende durar deve, não só organizar o presente, como preparar o futuro; assim o quer o interesse social bem entendido” (BOMFIM, 1905, p. 425). A educação, ao possibilitar a entrada na cultura moderna, vista por Bomfim como positiva e capaz de trazer a felicidade, significaria um “apresentar-se ao mundo” para as nações latino-americanas:

Busquemos da sciencia os seus *recursos eficazes, infalliveis*; e, emancipados pela critica, illuminados pelo saber, *voltemo-nos á vida*, confiantes e fortes, preparando para nós mesmos o conforto, a fraternidade, os gozos elevados, moraes e estheticos (BOMFIM, 1905, p. 428) [grifos dos outores].

Com isso, ao associar essa entrada futura no âmbito do progresso geral, que ele pensou caracterizar as grandes potências europeias, como uma ação de movimento, de quebra da inércia, Bomfim mais uma vez reiterou sua visão a respeito de seu próprio presente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história, mas especialmente os conceitos de raça e cultura emergiram no Brasil do final do século XIX como dimensões vitais nas discussões a respeito das projeções do futuro da jovem nação. As preocupações com uma monarquia decadente e inoperante misturaram-se às incertezas da instauração da república e sua suposta universalidade liberal. E, o passado, aliado ao futuro, tornou-se uma fonte fundamental para descortinar as possibilidades e a originalidade do Brasil no concerto das nações civilizadas ocidentais. É por isso que Silvio Romero bradou o nascimento da literatura brasileira na primeira quadrinha popular cantada pelo primeiro mestiço nos tempos coloniais. Formar nossa literatura ligava-se à proposta de formar o próprio país, expulsando, na medida do possível, as lembranças de um passado de domínio português. Ao mesmo tempo, raça e cultura estimularam o fervor intelectual e as fantasias de inúmeros desses autores envolvidos por um “bando de ideias novas”



que se achegavam vindas de fora. Naturalismo, positivismo, evolucionismo e liberalismo, já existentes nestas bandas, passaram também por um processo de miscigenação, culminando na adoção de uma postura racista em relação à diversidade étnica existente no país (VENTURA, 1999). Os caminhos traçados pelos diversos intérpretes dessa nova nação são reveladores das experiências desse período e de seu “horizonte de expectativas”.

Contudo, o caminho de análise seguido por Manoel Bomfim, em seu livro “A América Latina: males de origem”, é um pouco diferente dentro desse contexto. Diante das previsões pessimistas do futuro do Brasil, preditas pelo racismo científico, intelectuais como Silvio Romero passaram a ver na mestiçagem e no branqueamento uma alternativa de reabilitação das raças consideradas inferiores e uma possível saída para o desenvolvimento da jovem nação brasileira dentro do contexto das nações ocidentais. Já a explicação de Manoel Bomfim seguia por uma linha distinta, na qual localizava o problema do atraso brasileiro em relação à exploração por parte da metrópole portuguesa.

Autor de uma leitura original sobre o passado histórico brasileiro, Bomfim via a própria história como um organismo em desenvolvimento (REIS, 2003). Se, no início do seu livro, o parasitismo está associado a uma característica ibérica, no seu final, o próprio passado torna-se um parasita na vida dos países da América Latina e que necessita ser expurgado. “Assistidos, reconfortados por estes [dirigentes latino-americanos], os elementos refractarios, *remanescentes do passado parasitario*, revivem, proliferam, doutrinam, orientam; e a nova patria não chega nunca a ser uma patria, sinão a ex-colonia, que se prolonga pelo Estado independente” (BOMFIM, 1905, p. 396, grifos meus). E, Bomfim cita Machado de Assis, reiterando sua posição de juiz e sua esperança de que “os tempos serão rectificadados. O mal acabará [...]” (BOMFIM, 1905, p. 424). A retificação do passado virá, para o autor, através da educação, único elemento capaz de levar o homem a uma ação consciente no mundo.

Sua obra, portanto, se inseriu dentro do agitado processo de demarcação cultural da nação no Brasil (PAREDES, 2011). Esse processo envolvia a necessidade de uma releitura/reelaboração da experiência histórica passada, especialmente uma revisão das relações entre Brasil e sua antiga metrópole. E, não podia deixar de ser diferente, as tentativas de reescrita da história andavam lado a lado com a busca por uma identidade nacional para a jovem república americana.



REFERÊNCIAS

- BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de Origem**. Rio de Janeiro: Garnier, 1905, 430 pp.
- BURCKHARDT, Jacob. **Judgments on History and Historians**. Indianapolis: Liberty Fund, 1999, 314p.
- DECCA, Edgar de. O colonialismo como a glória do império. In: REIS FILHO, Daniel A., FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. (Orgs.). **O século XX: o tempo das certezas, da dormação do capitalismo à Primeira Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 153-181.
- HUNT, Lynn. **Measuring Time, making history**. Budapest: CEU Press, 2008, 138 pp.
- KOSSELLECK, Reinhart. **Futures Past**. On the semantics of historical time. Nova York: Columbia University Press, 2004, 344 pp.
- LIMA, Luiz C. **Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, 248 pp.
- NEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 383 pp.
- PAREDES, Marçal de Menezes. A Ibéria como mal-de-origem: organicismo e tribunal da história em Manoel Bomfim. In: PAREDES, Marçal de Menezes; ARMANI, Carlos Henrique e AREND, Hugo (Orgs.). **História das Ideias**. Proposições, debates e perspectivas. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 204-233.
- REIS, José Carlos. Manuel Bomfim. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 493-505.
- RÜSEN, Jörn. Emotional forces in historical thinking: Some metahistorical reflections and the case of mourning. **Historein**, v. 8, 2008, p. 41-53.
- SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da Vida Privada**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998. p. 7-48.
- VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 207p.
- VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **Viagem incompleta: a experiência brasileira: formação: histórias**. São Paulo: Senac, 1999. p. 329-359.



Revista

Prâksis

ISSN: 2448-1939



Revista

Prâksis

ISSN: 2448-1939



Revista

Prâksis

ISSN: 2448-1939